

Jornal Laboratório “Nheengatu”¹

Huylame Affonso Tavares BRUCE²
Roberto da Silva TAVARES³
Mariana Lima NUNES⁴
Allan Soljenítsin Barreto RODRIGUES⁵

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

O jornal laboratório Nheengatu é um veículo de comunicação impresso periódico do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Com periodicidade trimestral, ele tem o objetivo de proporcionar aos acadêmicos a experimentação no campo da redação jornalística e no planejamento gráfico. Sua proposta editorial inova no sentido de enveredar pelo jornalismo interpretativo ao contemplar uma única temática em cada edição, explorando em suas oito páginas diferentes enfoques no sentido de permitir aos leitores uma compreensão ampliada das questões tratadas.

PALAVRAS-CHAVE: Nheengatu; jornal laboratório; Ufam; jornalismo interpretativo.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório Impresso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: huylame.bruce@gmail.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tavarovsky@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: marianalimanunes@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: allan_soljenitsin@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O Jornal Laboratório “Nheengatu” - é desenvolvido no âmbito do Departamento de Comunicação Social e coordenado pelos professores do Curso de Jornalismo em atendimento às diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC). Trata-se de um periódico impresso trimestral, com formato tabloide e cujo público alvo é, principalmente, a comunidade acadêmica da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Sua linha editorial contempla a produção de reportagens sobre questões de interesse de discentes, docentes e técnicos administrativos.

Acreditamos que o Nheengatu **adéqua-se à modalidade em que foi inscrito** em razão dele atender ao que preconiza Santos *apud* Lopes (1986, p.50):

O jornal laboratório é um veículo que pode ser desenvolvido a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público peculiar, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos. Esse ambiente inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional.

Melo (1986) também defende que os jornais laboratórios constituem como um instrumento básico de um curso de jornalismo, no sentido de integrar os estudantes na prática da futura profissão. O autor define que a sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria escola, de modo que os alunos tenham oportunidade de colocar em execução ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissionalizante.

Para Beltrão *apud* Lopes (1986, p.49):

O Jornal-laboratório é um instrumento didático básico, sempre que usado apropriadamente, com um planejamento racional, que se transforma no substituto da prática de treinamento nas redações. Permite que o aprendiz de Jornalismo se exercite na capacitação e análise dos problemas de sua comunidade, de seu país e da civilização contemporânea, ao mesmo tempo em que desperta interesse pela especialização, fazendo-o descobrir qual dos aspectos e atividades da profissão o seduzem mais.

A proposta gráfico-editorial do Nheengatu apoia-se nos conceitos citados acima e tem se consolidado no Curso de Jornalismo da Ufam como um espaço da prática do aluno. Ao se envolver na produção do Nheengatu os alunos tem contato com a realidade das grandes redações - com o factual, o imediatismo das demandas, o jornalismo investigativo, a produção diária e o relacionamento com a comunidade - aliado ao aspecto pedagógico. Também tem sido um lugar propício de interdisciplinaridade, pois há condições para se

integrar disciplinas isoladas como Planejamento Gráfico em Jornalismo, Fotojornalismo, Teoria, Métodos e Técnicas da Pesquisa Jornalística, Técnicas de Redação, entre outras disciplinas.

2 OBJETIVO

O objetivo do Nheengatu é o de simular a rotina jornalística das redações, reproduzindo um ambiente de trabalho semelhante àquele que o estudante irá encontrar no exercício profissional, evitando repetir erros e vícios inerentes ao cotidiano dos meios de comunicação convencionais.

3 JUSTIFICATIVA

Lopes (1989) vê os jornais laboratórios como o principal meio de aproximar os alunos de jornalismo da prática de colocar em execução os conhecimentos teóricos aprendidos nas disciplinas do curso. Esses veículos de comunicação evitam o crescimento de profissionais práticos, como no início dos cursos de jornalismo “que eram apenas eruditos e homens de letras, mas não profissionais de imprensa” (MELO, 1974, p.200). A produção do Nheengatu apoia-se na crença de que só uma infraestrutura apoiada em órgãos laboratoriais eficientes pode proporcionar ao futuro profissional aprendizado compatível com exigências do mercado ocupacional.

Desta crença decorre a justificativa para a existência do jornal laboratório Nheengatu, ou seja, a importância pedagógica da formação de profissionais qualificados para atender às exigências do mercado de trabalho sem abrir mão do caráter crítico e da função social da profissão. A Legislação Educacional Brasileira (LDB) estabelece que as instituições de ensino têm como um dos propósitos formar profissionais que estejam de acordo com as exigências do mercado de trabalho. Desta forma o Projeto Pedagógico do curso de Jornalismo diz que a prática do estágio não se limita apenas à produção e prestação de serviços; elas se consolidam no compromisso social da universidade, na solidariedade e na responsabilidade, natural da construção profissional do cidadão.

O curso de Jornalismo da Ufam busca uma formação que ultrapasse a sala de aula, adotando um projeto pedagógico adequado aos novos parâmetros de aprendizagem e baseado nos princípios da articulação teoria e prática; articulação ensino, pesquisa e extensão interdisciplinaridade; da flexibilização curricular e da formação humanista. No que se refere aos aspectos pedagógicos relacionados à necessidade da implementação de jornais laboratórios, a diretriz principal do projeto pedagógico do Curso de Jornalismo reza

que o aluno deva saber a teoria para depois entender a prática. Prevê também, que preparar o aluno para o mundo não é somente atender às demandas do mercado de trabalho.

Desta forma, o curso de Jornalismo, de acordo com as exigências do MEC, criou o Jornal laboratório “Nheengatu” como uma das suas opções para o exercício dos alunos. Essa preferência pode ser confirmada através de Lopes (2000, p.152) ao demonstrar que essa é uma das características de todos os jornais laboratórios nacionais, já que 109 projetos laboratoriais 77 são jornais impressos.

O Nheengatu também tem possibilitado aos alunos relacionarem ensino com pesquisa. Como afirma Parron (1993), só se consegue construir um conhecimento sólido através da união dos saberes, do trabalho em grupo. Pode-se haver interdisciplinaridade também na medida em que os conhecimentos adquiridos no Nheengatu pelos alunos forem propagados e difundidos para o seu público alvo. Assim o jornal proporciona um saber contextualizado que tem condições de interagir com a população. O jornal laboratório procura ser um fórum da interdisciplinaridade no curso de jornalismo evitando-se o desenvolvimento de células de conhecimentos fragmentados que não levam em conta a formação da pessoa humana.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na concepção e produção do Nheengatu, utilizamos o encaminhamento de Silva (1985) quanto à necessidade de se estabelecer uma linha gráfico-editorial para os produtos jornalísticos impressos. O discurso gráfico tem como objetivo ordenar a percepção dos leitores e dar-lhes ‘fio da leitura’:

O discurso gráfico é um conjunto de elementos visuais de um jornal, revista, livro ou tudo que é impresso. Como discurso ele possui uma qualidade de ser significável; para se compreender um jornal não é necessário ler. Então há pelo menos duas leituras: uma gráfica e outra textual. (PRADO apud COLLARO, 1996, p.34)

Já o discurso editorial ou a linha editorial constitui-se como a política predeterminada pela direção do veículo de comunicação ou pela diretoria da empresa que determina a lógica pela qual a empresa jornalística enxerga o mundo (SILVA, 1985). Ela indica também seus valores, aponta seus paradigmas e influencia decisivamente na construção de sua mensagem. A linha editorial do Nheengatu orientou o modo como cada texto foi redigido, definiu quais termos puderam ou não ser usados, quais deveriam ser usados, e qual a hierarquia que cada tema teve na edição final.

Em relação à linha editorial do *Nheengatu*, ela foi definida tendo como referência o que afirma Erbolato (1991) sobre o fato dos meios eletrônicos terem obrigado os veículos impressos a dar aos leitores o complemento do que foi ouvido no rádio, visto na TV e lido na internet por meio de conteúdos jornalísticos interpretativos e analíticos. Logo, ao invés de tratar do factual o *Nheengatu* se volta para o aprofundamento dos fatos por meio de edições temáticas. **Com intuito de inovar e experimentar novos formatos**, cada número do jornal foi pensado de forma a tratar em suas oito páginas vários enfoques de um mesmo assunto na busca de oferecer ao leitor um quadro mais completo das questões presentes no seu cotidiano. Como afirmam Leandro e Medina (1973):

O jornalismo interpretativo é realmente o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele – não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz no jornalismo opinativo. (p.16)

A origem dos temas abordados no *Nheengatu* foi o cotidiano, no entanto, a sua cobertura procura ir além das tradicionais questões levantadas nos *leads* (quem, que, onde, quando, porque e como). Seguimos a orientação de Leandro e Medina (1973) para dar corpo a uma cobertura interpretativa, ou seja, usamos três direções: 1) articular o fato nuclear, outros fatos que o situam no presente e num espaço conjunturais; 2) a valorização do humano no fato jornalístico, no sentido de fazer com que a reportagem faça o público viver a história como ele próprio fosse um protagonista; e 3) uma aproximação da informação jornalística com a informação científica. Em resumo, as edições do *Nheengatu* sempre buscam o aprofundamento, os antecedentes (temporais, espaciais e do fato), contextualização e humanização.

Sobre a definição do discurso gráfico ou projeto gráfico, partimos do princípio de que ele possui uma linguagem específica e uma rede de significações (CRAIG, 1987). Para que conteúdo e forma caminhassem juntos, com objetivo da peça final traduzir exatamente a consciência do seu valor informacional e estético, é necessário levar em consideração as seguintes questões no ato da diagramação (COLLARO, 1996): a) as ideias que as palavras deveriam representar; b) os elementos gráficos a serem usados; c) a importância relativa das ideias e dos elementos gráficos; e c) a ordem de apresentação. Para dar respostas a estes questionamentos levamos em conta o tipo de mensagem a ser veiculada (conteúdo jornalístico), os consumidores da mensagem (público alvo: alunos, professores e técnicos administrativos da Ufam) e o grau de interesse que a mensagem pretendia proporcionar (estratégias editoriais para chamar a atenção do público).

O ponto de partida para confecção do projeto gráfico deu-se com o planejamento. Nesta fase, como afirma Collaro (1996), é necessário fazer e responder a algumas perguntas: Quem é o público alvo? Qual a mensagem que se quer passar? Qual o formato: livro, revista, jornal, standard, tabloide, etc.; O que se viu nos concorrentes? Qual a ligação com outras publicações? Nossas respostas foram: o público alvo é a comunidade universitária da Ufam, a mensagem que queremos passar é a de um jornalismo interpretativo capaz de dar elementos aos leitores para formar opinião acerca dos temas tratados, o formato escolhido o tabloide, o Nheengatu oferece o diferencial de buscar a interpretação dos fatos enquanto os concorrentes investem num conteúdo mais factual e detectamos uma ligação do jornal com outras publicações voltadas para o jornalismo em profundidade.

Como dito antes, o padrão gráfico dos produtos impressos deve ter, antes de tudo, um fundamento filosófico, que será aliado a uma estrutura gráfico-editorial. Esta padronização representará para o leitor a imagem do jornal, com embalagem e conteúdos eficientes (WILLIANS, 1995). No caso do Nheengatu, alunos e professores definiram seu nome e demais escolhas gráficas (cores, ilustrações e demais elementos) tendo como fundamento uma proposta de dar a publicação um caráter regional (com referências as origens indígenas da população da Amazônia).

O nome do jornal laboratório é uma referência ao o nheengatu, resultado da regulação da língua indígena tupi pela gramática da língua portuguesa, com inclusão de palavras espanholas e portuguesas. A língua nheengatu se desenvolve numa época em que em que o Brasil, sendo colônia de Portugal, era-o da Espanha, em virtude da unificação das coroas desses dois países, de 1580 a 1640. Os jesuítas utilizaram o tupi como referência para elaboração do nheengatu aparentemente porque foi a primeira língua com a qual tiveram contato no Brasil, falada pelas tribos da costa brasileira. Mas disseminaram o nheengatu em todo o Brasil, em especial na Amazônia. O nheengatu foi, na verdade, uma tentativa de unificar linguisticamente tribos que falavam variações da língua tupi. Foi, sobretudo, uma forma de ter além de uma fala, uma escrita.

Definido o fundamento filosófico que serviu de base para o discurso gráfico-editorial, partimos para a diagramação do Nheengatu. Em suas páginas, usamos o fundamento de que a visão instintivamente se desloca com rapidez em diagonal para o lado inferior oposto, a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo para o lado inferior direito (HUBERT, 1987). Por isso, ao diagramarmos o jornal tivemos o cuidado de preencher as

zonas mortas e o centro ótico (pontos para onde a visão do leitor normalmente não se direciona imediatamente) da página com aspectos atrativos para que a leitura se tornasse ordenada. Além disso, a capa e as páginas internas possuem um ponto de apoio (marco gráfico que orienta a disposição dos elementos gráficos na página), que foram escolhidos tendo como base os critérios de: ritmo, equilíbrio, harmonia, motivo predominante, motivo secundário e motivo de ligação (CRAIG, 1987).

Os elementos gráficos utilizados no Nheengatu foram título, textos, fotos, fios tipográficos, vinhetas e espaços em branco. A disposição dos mesmos primou pelo equilíbrio, elemento chave de um design, tanto o simétrico quanto o assimétrico (SILVA, 1985). Embora o encaixe das peças obedeça a um critério pessoal (COLLARO, 1996), observamos certas, como destaque para o título (manchete), correspondente à importância da notícia, precisão no corte das fotografias, cálculo exato dos textos e senso estético.

As cores predominantes no projeto gráfico também guardam relação com os fundamentos filosóficos pré-estabelecidos. A cor marrom, que transmite sensações relacionadas à austeridade e a terra (FARINA, 2004), foi escolhida como principal em razão relação com os povos indígenas (intimamente ligados aos seus territórios tradicionais em seu modo de vida e a tez morena de sua pele). Os fios tipográficos e as vinhetas evocam a cultura material das etnias amazônicas, bem como a fonte do cabeço do jornal (nome da publicação) e a silhueta indígena presente na capa (uma homenagem a etnia Caiapó, habitantes da Amazônia brasileira) seguem o mesmo fundamento. As chamadas da capa e os boxes existentes no interior das páginas possuem coloração clara com intuito de dar leveza ao projeto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O jornal laboratório Nheengatu é produzido no formato tabloide (cada página mede aproximadamente 33x28cm), contém oito páginas e tem periodicidade trimestral. No ano de 2012, foram produzidas quatro edições, das quais duas foram submetidas a julgamento no Prêmio Expocom 2013 (Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação). As temáticas abordadas nas referidas edições foram: o consumo de drogas e a produção científica sobre games na universidade.

A primeira edição sobre o consumo de drogas cuja manchete foi “Ufam até a última ponta” procurou oferecer diversas abordagens sobre o tema tendo como referência personagens e situações da comunidade universitária da Ufam. Na trilha apontada por

Leandro e Medina (1973), a definição e a produção das pautas buscaram o aprofundamento, os antecedentes (temporais, espaciais e do fato), contextualização e humanização. Logo, foram tratados a questão das propostas de legalização das drogas, os dramas vividos pelas famílias dos dependentes químicos, histórias de superação e fracasso dos dependentes, os números referentes ao tráfico de drogas em Manaus, como lidar com os dependentes, ações preventivas e punitivas e a experiência bem sucedida das Fazendas da Esperança na recuperação dos dependentes.

A segunda edição, com a manchete “Games invadem o mundo acadêmico”, aborda as pesquisas realizadas na academia sobre os games. Foram produzidas reportagens sobre as novidades do mundo dos jogos, pesquisa sobre como os games podem influencia na cultura, a evolução dos consoles e a realidade virtual, os videogames como objetos lúdicos e a possibilidade de criar sus próprios jogos. As edições também trazem uma página de opinião, onde artigos, entrevistas e ilustrações abordam o tema central.

6 CONSIDERAÇÕES

O filósofo Jean-Jacques Rousseau afirma que na democracia a vontade da maioria tem sempre razão, mas o julgamento que a guia nem sempre está informado. O jornal laboratório Nheengatu foi concebido e executado no sentido de contribuir para a diminuição da desinformação sobre questões que afligem não somente a comunidade universitária da Ufam, mas a sociedade em geral. Conforme diz Traquina (2005), nesses e em outros casos a prática jornalística assumiu o conceito de serviço público, cabendo a ela fornecer aos cidadãos as informações necessárias ao exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- COLLARO, Antônio Celso. **Projeto Gráfico**. São Paulo: Summus, 1996.
- CRAIG, Janes. **Produção Gráfica**. São Paulo: Nobel, 1987.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em Comunicação**. São Paulo: Edgard, 2004.
- HUBERT, Allan. **Layout**. São Paulo: Nobel, 1987.
- LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: o jornalismo interpretativo. São Paulo: Media, 1973.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso como público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.
- _____. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório**. Santos (SP): Uni- santos, 2001.
- _____. **Sociedade midiática: significação, mediação e exclusão**. Santos (SP):
- MELO, José Marques de. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Summus, 1974.

- _____. **Diretrizes para um jornal laboratório.**
- _____. **Laboratórios de jornalismo impresso.** Revista de comunicação, Rio de Janeiro, v.5, n.19, p.32-33 1989.
- _____. **Laboratório para os cursos de jornalismo.** Educação Brasileira, Brasília v.7,n.15, p. 173-175, jul./dez. 1985.
- PARRON, Joaquim. **Para uma concepção analítica da educação,** 1986. Dissertação (Mestrado em educação) Pontifícia Universidade Católica do Paraná. PROJETO. Blucher, sd.
- SILVA, Rafael Souza. **Diagramação, planejamento gráfico-visual.** São Paulo: Summus, 1985.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – porque as notícias são como são.** 2^a. Ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- WILLIANS, Robin. **Design para quem não é designer.** São Paulo: Callis, 1995.